



A CASA DO MAGO DAS LETRAS
LIVROS ELETRÔNICOS

www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

L P Baçan

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita
desde que sejam preservadas as características originais da obra.

CAPÍTULO 1

Seu corpo jazia ao sol. Charles sempre a via daquela maneira. As costas contra a areia escaldante, protegida por uma toalha, o ventre oferecido aos raios solares.

Usava um chapéu, um daqueles enormes chapéus de praia, que tornava desnecessários os óculos escuros. Formas perfeitas ao alcance dos olhos; formas estonteantes sugeridas pelos contornos do biquíni.

Um dos joelhos se flexionava com graça e oscilava, enquanto ela acompanhava o ritmo da música pelo rádio portátil. Perto deles, o rugir do mar, o bater das ondas, o borrifar da espuma.

Charles se aproximava dela, jogando sua sombra sobre aquele corpo que conhecia tão bem e, ao mesmo tempo, desconhecia totalmente.

Ele a olharia longamente, até que ela voltasse a cabeça, erguendo ligeiramente a aba do chapéu. Ao notar a presença de Charles, ela ficaria curiosa.

Isso estaria estampado no rosto dela, tornando-o mais adorável. A testa se franziria, ela torceria os lábios para o lado, realçando uma das maçãs do rosto.

Depois, lentamente seus lábios retornariam àquele estado natural cheio de sensualidade. Ela não usava batom. Seria abominável isso.

Então, como num convite e num assentimento, ela sorriria. Duas covinhas deliciosas se formariam em suas faces. Seus olhos brilharam intensamente.

Charles sorriria em resposta, sem perder a naturalidade e nem o fascínio másculo que esperava ostentar. Ambos se sentariam juntos e conversariam.

Seria fantástico!

Charles Wiseman pisou vagorosamente no pedal do freio e torceu o volante para o acostamento, até estacionar diante do restaurante do velho Harry.

Desceu do veículo, enxugando o suor que lhe escorria do rosto. Olhou o céu. Começava a escurecer lentamente. Ele caminhou para a entrada do restaurante.

Um cheiro de comida quente encheu-lhe as narinas, fazendo-o antegozar o prazer daquela refeição. Chegava no horário. Um pouco antes e nada estaria pronto; um pouco depois e não encontraria lugar.

O restaurante do velho era conhecido por toda a estrada. Motoristas de caminhão, principalmente, tornariam, dentro em pouco, pequeno o salão para abrigá-los.

Ele foi ao fundo do salão, tirou o paletó e o colocou sobre o espaldar de uma cadeira, marcando seu lugar. Sandy, a garçonete, gritou alguma coisa para o pessoal da cozinha e depois fincou os cotovelos sobre o balcão, esperando que Charles saísse do banheiro.

Ele voltou logo depois, abotoando as mangas da camisa que dobrara para cima ao se lavar. Sorriu para Sandy.

— Olá, Charles! — disse ela, apoiando o queixo nas costas da mão.

— Sandy, que prazer revê-la! — exclamou ele, aproximando-se do balcão.

O velho Harry entrou pela porta da frente, cumprimentou Charles rapidamente e sumiu pela porta da cozinha. Alguns caminhões estacionavam lá fora.

— Já sei, uísque puro — falou ela, servindo-o.

— Está quente, não? — indagou ele, retirando o lenço e enxugando a testa.

— Vamos ter uma tempestade.

— Como sabe.

— Ouvi há pouco no rádio.

— Diabos! Eu precisava estar em Wichita ainda hoje.

— Sempre apressado — comentou ela, como se reclamasse de Charles.

— É a vida — respondeu ele, entornando um gole de uísque.

Alguns motoristas entraram ruidosamente e se aproximaram do balcão. Antes de se afastar para atendê-los, Sandy olhou Charles com uma espécie de adoração.

Ele conhecia aquele tipo de olhar. Acostumara-se a ele ao longo de sua vida como

vendedor. Sandy era como qualquer outra garçonete, sempre parada no mesmo ponto e vendo a vida, em forma de viajantes, passar por ela.

Era fácil deduzir como a agradaria subir num daqueles carros ou caminhões e ir conhecer o horizonte. No fundo, eram todas uma tolas sonhadoras.

Charles foi se sentar na mesa que escolhera. Levou consigo o copo, depositando-o ao lado do prato. Sandy estava certa. Nuvens pesadas apontavam no horizonte e o vento soprava daquela direção, ganhando intensidade.

Folhas, papéis velhos e muita poeira foram levantados e jogados contra a vidraça, numa lufada mais forte. Charles inclinou o corpo para olhar seu carro e se certificar de que não deixara uma das janelas abertas.

Pouco a pouco, mais e mais gente entrava no restaurante, ocupando mesas. Garçonetes apressadas, com saias curtas e grandes decotes, bem ao gosto dos motoristas de caminhões, começaram a se movimentar.

Uma delas se aproximou, com um bloco de anotações e um lápis.

— O que vai ser, Charles? — indagou ela, mordendo a extremidade do lápis, enquanto tentava parecer provocante.

Era jovem e bonita. Seu rosto exibia o bronzeado típico daquela região. Sobrancelhas finas, retocadas e lápis de maquilagem, cobriam um par de olhos castanhos e atentos.

— O de sempre, Emily, mas desta vez quero bastante salada.

— Cerveja?

— Sim, claro — concordou ele, notando que não terminara o uísque.

Após tomar nota, Emily ficou parada alguns instantes, olhando a nuvem de poeira que se levantava lá fora. O céu se tornava mais escuro rapidamente, antecipar o anoitecer.

— Pretende seguir em frente? — indagou Emily, repondo no lugar uma mecha de cabelos que lhe caíra sobre os olhos.

— Sim, precisava estar em Wichita esta noite.

— Soube da tempestade?

— Sim, talvez ela mude de rumo.

— Pode ser. Se precisar ficar, não se preocupe. Há anotações.

— Vou decidir ainda.

— Se precisar de um quarto... — disse Emily, olhando-o sobre o ombro, enquanto se afastava na direção da cozinha.

Charles sorriu. Sua mão procurou o copo de uísque. Ele tomou mais um trago, retendo a bebida na boca antes de engoli-la.

Depois, inconscientemente, afastou um pouco a toalha, molhou a ponta do dedo no copo e se pôs a desenhar um corpo de mulher no tampo da mesa.

Foi impossível conseguir algo perfeito. A madeira sugava a umidade e os traços se alargavam, borrando a figura que ele tentava definir.

Seu dedo parou no alto da cabeça, após desenhar o chapéu exageradamente largo da figura imaginada. Ele sorriu rapidamente.

De onde viera aquela imagem que se fixara em sua mente e o perseguia dia após dia? Talvez de alguma revista, de algum filme, não sabia ao certo.

Via-se sempre deitada na areia, os cabelos presos dentro do chapéu, o sol tornando-a dourada e fascinante. Talvez tivesse tirado a idéia de alguma história lida.

Alguém chegava numa praia e se encontrava com uma pessoa, iniciando algo maravilhoso e excitante. Tudo a seu tempo. Sem pressa, apenas deixando as coisas acontecerem.

Emily voltou com uma enorme bandeja e começou a distribuir seu conteúdo sobre a mesa. Os pratos fumegavam e o aroma era delicioso.

Ele tomou o resto do uísque e pôs o copo sobre a bandeja para que Emily o levasse.

— Mais alguma coisa? — indagou ela.

— Eu a chamarei se precisar.

— Decidiu se fica ou não?

— Talvez fique — disse ele, embora não tivesse tomado nenhuma decisão naquele sentido.

Pensando nesse detalhe, voltou a olhar através da vidraça enorme. O céu estava escuro. O troar distante de trovões indicavam que a tempestade não mudaria de rumo.

Algumas gotas bateram contra o vidro e escorreram lentamente, traçando um sulco de limpeza onde a poeira havia se acumulado.

Depois outras e mais outras, mais fortes, mais rápidas, formando um véu prateado que fazia a poeira assentar e levantava um cheiro agreste de terra molhada.

Um motorista entrou rapidamente, gotejando. Reclamou da chuva inesperada e passou na direção do banheiro. Um vozerio enorme e confuso tomara conta do salão.

As garçonetes corriam, com seus blocos de anotações ou bandejas. Às vezes davam pequenos saltos, fugindo a alguma mão-boba atraída por suas saias curtas.

Sandy continuava no balcão, servindo bebidas e, às vezes, lançava alguns olhares na direção da vidraça e, depois, na direção de Charles.

Ele percebeu um desses, entendendo o que ela pretendia dizer. Se a tempestade não passasse depressa, Charles concluiu que teria de passar a noite ali.

Começou a comer. A vidraça estava lavada e apenas se via aquele véu prateado, agitando-se ao vento que dobrava as árvores e agitava as lonas dos caminhões.

Charles pensou naquele mulher com quem vinha sonhando nos últimos tempos. Idealizara uma imagem e, a cada dia, descobria novos detalhes.

Na verdade, apenas acrescentava detalhes que apreciava nas mulheres, como aquele franzir de testa, aquelas covinhas no rosto, aquele chapéu enorme.

Quando terminou, levantou-se para dar lugar a quem esperava, indo se acomodar junto ao balcão. Todos comiam agora e Sandy não precisava ter pressa ao servir as bebidas.

— Ela veio — comentou Sandy, apontando para fora com um movimento de cabeça.

— Sim, como veio — concordou Charles, distraído em contemplar cada uma das garotas que se moviam pelo salão, como que fazendo uma escolha.

Deteve-se em Sandy longamente. Ela era a mais atraente de todas e tinha um corpo

elogiável. A garota percebeu o olhar de Charles e sorria com malícia.

— Precisa mesmo estar em Wichita? — indagou ela, após servir um motorista que acabara de entrar e pensava se aquecer com um trago de uísque.

— Sim, precisava.

— É tão importante?

— Uma convenção de vendedores, as inscrições se encerram hoje.

— Onde vai ser essa convenção? — indagou ela, fincando os cotovelos sobre o balcão e apoiando a cabeça entre as mãos.

— Em Galveston, no Texas.

— No golfo do México?

— Sim.

O rosto da garota foi tomado por uma expressão indefinida. Por instantes ela sonhou com algo que só ela sabia.

— Deve ser muito bonito por lá.

— Para ser franco, devo dizer que também não sei — disse ele, sonhando por momentos.

Aquela convenção se tornara muito importante para ele. Galveston ficava à beira-mar. Haveria sol e areia, o cenário ideal para encontrar aquela mulher misteriosa que habitava sua mente.

— Vai gastar um bom dinheiro — comentou Sandy.

— A firma me escolheu para representá-la. Pagará todas as minhas despesas. Eu precisava estar em Wichita para confirmar minha inscrição.

— Não pode resolver isso por telefone?

— Sim, talvez. Deve ter o número aqui comigo — concordou ele, julgando aquela uma ótima idéia.

Retirou a carteira do bolso de seu paletó e apanhou alguns cartões. Examinou-os, até encontrar o que procurava.

— Sim, está aqui. Talvez eu possa confirmar pelo telefone. Pode me trocar dez dólares em moeda? Aproveite e cobre a refeição — disse ele, passando uma nota de vinte para as mãos da garota.

Sandy lhe devolveu uma porção de moedas. Charles foi até o telefone, instalado junto à porta de saída. A chuva fazia barulho. O pessoal do restaurante também.

Ele mal podia ouvir o ruído do telefone e, por momentos, pensou que o vento pudesse ter derrubado algum poste. Sandy o observava do balcão.

Charles fez um sinal de ombros, querendo dizer que seria impossível falar com aquele barulho todo. A garota pediu que ele retornasse ao balcão.

— Vai ser difícil falar com esse barulho todo — disse Charles.

— Há uma extensão do telefone particular — ela informou.

— Onde?

— Vê aquela cabana? — apontou ela através da vidraça.

— Sim. Quem mora lá?

— Eu.

— Acha que posso ir lá e...

— A vontade — concordou ela, retirando uma chave de dentro de seu sutiã.

— O diabos é que vou me molhar todo para chegar lá...

— Já que vai se molhar, por que não vai até seu carro, apanha sua mala e corre para a cabana? Poderá tomar um banho e descansar, Charles — provocou ela, balançando a chave diante dos olhos dele.

Charles sorriu significativamente. Sandy se alegrou ao perceber que, finalmente, Charles poderia perder aquela pressa costumeira.

— Você vai demorar? — indagou ele.

— Infelizmente... — lamentou ela, fazendo uma careta.

— A que horas você termina aqui?

— Oito, nove, dez, quem sabe? Talvez a chuva faça diminuir o movimento e eu possa ir mais cedo.

— Vou esperar por você — falou Charles, tomando a chave da mão dela e indo para a porta.

A chuva continuava, pesada e forte. O vento, em lufadas irregulares, fazia estalar as vigas do restaurante. Relâmpagos seguidos de trovões iluminavam o céu escuro e carregado.

Charles pensou que talvez fosse arrastado pelo vento, enquanto corria para o seu carro. Entrou rapidamente, já totalmente molhado.

Apanhou sua mala e tomou fôlego, antes de correr para a cabana. Demorou algum tempo para abrir a porta, o bastante para molhar até os ossos.

Quando entrou, o vento mal o deixou empurrar a porta de volta. Tateou as mãos ao longo da parede, nas proximidades da porta, até encontrar o interruptor e acender a luz.

Estava ensopado. A água que lhe escorria do corpo molhava um capacho novo em folha colocado ao lado da porta. Ele examinou a cabana.

Era maior do que esperava. A sala pequena, mobiliada com um sofá e algumas poltronas, mesa de centro e reproduções baratas nas paredes, se tornou mais aconchegante quando ele percebeu uma lareira.

Naquela noite, um bom fogo seria interessante para amenizar a queda brusca de temperatura.

Havia duas outras portas no extremo da sala. Charles tirou os sapatos, o paletó e torceu o resto das roupas, depois caminhou até uma das portas.

Dava para uma minúscula cozinha. Verificou a outra. Tratava-se de um quarto com alguns beliches. Deduziu que as garotas do restaurante deviam dormir ali, com Sandy.

Naquela noite, seguramente, nenhuma delas estaria ali, solidárias com a amiga.

Descobriu uma porta no fim daquele quarto. Calculou que seria o banheiro. Apanhou a mala e caminhou para lá, deixando pegadas molhadas atrás de si.

Um banho quente acabou com os tremores de seu corpo, emprestando-lhe uma sonolência gostosa. Estava aliviado. Antes do banho, ligara para aquele número em chita e conseguira a confirmação de sua participação na convenção.

Olhou a lareira. Havia uma caixa de lenha na cozinha.

CAPÍTULO 2

Ela chegou reclamando da chuva que lhe molhara o corpo, do vento que arrancara o lenço de seus cabelos e os agitara até ensopá-los.

Charles ficou olhando para ela, com um sorriso de complacência nos lábios e um cigarro ardendo inútil entre os dedos.

Sandy tirou os sapatos e a meia, virando-se ligeiramente de lado para que Charles não lhe visse as coxas. Havia um pudor descabido naquele gesto.

Ela caminhou descalça até parar diante de Charles. Apertou o lenço contra os cabelos, umedecendo-os. Estava trêmula e nervosa.

— Conseguiu a ligação com Wichita? — indagou ela, recuando para perto do fogo brando que Charles ateara na lareira.

— Sim, felizmente.

— Teve sorte, então. As linhas estão interrompidas agora.

— Foi mesmo uma sorte — concordou Charles, estendendo as pernas para repousá-las sobre a mesa de centro.

— Vou me enxugar agora — falou a garota, indo para o quarto.

Charles a acompanhou com os olhos, que se fixaram nos pés da garota. Aquele detalhe imediatamente se incorporou àquela imagem de mulher gravada em sua mente.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

